

A sociedade continua com medo da hiperinflação

Max Schrappe *

O País se despede de mais um ministro da Economia e apresenta ao seu sucessor — como aliás a sua própria mãe já o advertiu — um enorme abacaxi. Sai governo indireto, entra governo direto. Sai ministro teórico, entra ministro prático. E o abacaxi continua intocável em sua áspera casca. Os cenários brasileiros são sempre nebulosos.



Em outras oportunidades, já lembramos o perigo de um país onde o cidadão perde a sua “vontade de crescer”. Desiste de reagir, e de lutar pelos valores que sustentam a integridade moral do ser humano. Esse será um país destinado ao caos, ao desaparecimento. As forças produtivas do Brasil, trabalhadores e empresários, estão à beira de abandonar a sua “vontade de crescer” e, hoje, não mais pelas conhecidas dificuldades do subdesenvolvimento. Agora, temos sido forçados a nos equilibrar na frágil linha que soma inflação e recessão — uma conta impossível para qualquer povo.

O Brasil precisa encarar com seriedade a questão econômica. Urge elaborar um programa a curto, médio e longo prazos. Entretanto, é preciso o governo fazer o que diz. Não podemos mais suportar um policialesco congelamento de preços — essa distorção da realidade, um claro recibo de não cumprimento das promessas de livre mercado feitas pelo presidente Collor. A indústria brasileira está em difícil situação, notadamente o setor gráfico.

Quando no bojo do Plano Collor II surgiu o congelamento, já havia uma defasagem nos preços praticados pela indústria gráfica. Já se observava, em plena recessão, uma destrutiva concorrência de mercado. O governo parece desconhecer o processo de mudanças pelo qual passa o mundo, atua insensível às transformações, sobe a

rampa da ilusão convencido de que não promoveu um “tarifaço” — nocivo, quer pelo aumento direto dos impostos quer pela antecipação dos prazos de pagamento. É preciso informar aos membros da equipe econômica que estão acontecendo correções nos preços das matérias-primas, graças ao cancelamento dos descontos que vinham sendo praticados sobre tabelas a vista, superdimensionadas quando do congelamento. Eles não sabem, ou aparentam ignorar, que os custos adicionais praticados pelos fornecedores de insumos básicos estão, a cada novo dia, se afastando da realidade e se colocando superiores aos mais elevados custos financeiros do mercado. Isso sem falar da mão-de-obra especializada que, sob pressão, tem conquistado aumentos reais.

Cabe alertar aos senhores da Economia que só no setor gráfico a diminuição do volume de serviços, em face da recessão, já atinge os 21% em relação ao mesmo período do ano passado. A nossa indústria é a ponta do processo e, como tal, está impossibilitada de repassar os aumentos que lhe impõem os demais setores envolvidos. Caso não aconteça uma liberação responsável, rápida, a indústria gráfica estará afundando num preocupante abismo. Nessa situação, é como se o médico dissesse a um doente em fase terminal: “Não morra! Daqui a algum tempo será descoberta a cura para essa sua doença...”

Estamos todos ansiosos para produzir, vencer a crise, superar obstáculos, seguir rumo ao desenvolvimento. Preocupa-nos, é verdade, a certeza de que sem passado não há presente e, assim, não haverá futuro. Estamos de acordo com a sábia senhora mãe do ministro da Economia, Marçílio Marques Moreira, o abacaxi está aí na mesa de todos os brasileiros. Que o presidente Collor entregue a faca nas mãos de seu ministro e, mais do que isso, permita que ele fatie a fruta.

* Empresário e presidente da Abigraf e do Sindigraf - SP.